

Inflação perdeu destaque

A necessidade de promover um rápido ajuste na taxa de câmbio frustrou a intenção do governo de convencer a sociedade de que a inflação poderia permanecer estável na casa dos 15% ao mês por um certo período. No mesmo dia em que os jornais anunciavam em manchete a desvalorização do cruzeiro, publicavam também a notícia de que o Índice Geral de Preços do Mercado (IGPM), calculado pela Fundação Getúlio Vargas, havia caído de 15,25% em agosto para 14,93% em setembro. Evidentemente, com um destaque muito menor.

No dia seguinte à mididesvalorização, ninguém previa, para outubro, uma inflação menor que 20%, e a enxurrada de aumentos ao longo da semana deu a impressão de que esse percentual poderá ser superado. Na quarta-feira, no meio do noticiário sobre a subida de preços do início de outubro, ficou perdida a informação de que a Fipe, da USP, havia detectado uma diminuição do ritmo de alta da inflação ao longo de setembro. "Infelizmente, a gente não escolhe o momento, ele simplesmente acontece", resignava-se o ministro Marcílio Marques Moreira, ao comentar para o **JORNAL DO BRASIL** a decisão de desvalorizar o cruzeiro.

"Nós colocamos na balança a inconveniência de anunciar a midi naquele momento em que poderíamos capitalizar uma notícia favorável", conta o diretor

do Banco Central Arminio Fraga. "Mas chegamos à conclusão de que não havia mais como adiar a decisão. Quanto mais ela demorasse, maior teria que ser o ajuste cambial", disse. "Cuidar das expectativas é fundamental em economia", diz Akihiro Ikeda, principal assessor do ex-ministro do Planejamento, Delfim Neto, responsável por duas maxidesvalorizações de 30% e considerado um mestre na arte de influenciar atitudes de empresários e economistas.

Depois da primeira grande mexida no câmbio, em dezembro de 79, Delfim prefixou em 50% a correção monetária e do dólar durante todo o ano de 80. O governo queria conter a expectativa inflacionária gerada pela máxi e estimular os empresários a continuarem tomando empréstimos externos sem temer nova valorização do dólar. O tiro saiu pela culatra, pois a inflação bateu em 100%, o câmbio voltou a ficar defasado e, em 83, o governo foi obrigado a promover um novo ajuste de 30%.

Em 1982, quando explodiu a crise da dívida externa, dois assessores de Delfim, Luis Paulo Rosenberg e José Savazini, prepararam relatório pessimista. "Eu concordo com tudo", disse Delfim, "mas esse não pode ser um documento oficial." O estudo acabou publicado, quase escondido, numa revista técnica do Ipea, órgão subordinado ao ministério.